



A nova idade das trevas

*a Escola de Frankfurt e o politicamente correto**

Michael Minnicino
Tradutora: Cássia Zanon'

-
- * Este artigo foi originalmente publicado na revista Fidelio, em 1992: MINNICINO, M. The Frankfurt School and 'political correctness'. Fidelio, Washington, DC, v. 1, n. 1, p. 4-27, 1992. Disponível em: <https://bit.ly/3xHTjKA>. Acesso em: 20 abr. 2022.
 - 1 Cássia Zanon é jornalista e tradutora com mais de 100 traduções literárias publicadas, incluindo títulos de autores consagrados como Kurt Vonnegut, Herman Melville, Dashiell Hammett, Daniel Goleman, F. Scott Fitzgerald e Woody Allen. cassia@cassiazanon.com.br.

RESUMO

Publicado em 1992, este artigo é considerado por uma parte dos estudiosos como fonte da ideia de “marxismo cultural” – ainda que a expressão não apareça no texto. A vigência dessa noção orienta as guerras culturais contra o progressismo “politicamente correto”, em linha com a alegação de que a Nova Esquerda teria se organizado a partir da Escola de Frankfurt, substituindo a luta política por uma luta cultural. Nascido no bojo do movimento LaRouche, a tese logo é adotada pela Nova Direita e se dissemina com diversas variantes no discurso conservador. Em 2011, o ativista norueguês de extrema-direita Anders Breivik mata cinquenta e oito jovens do Partido dos Trabalhadores que acampavam na ilha de Utøya, ação acompanhada do manifesto “Uma declaração europeia de independência”, que cita o presente texto de Minnicino – embora o autor refute qualquer ligação com a “tese monstruosa” de Breivik.

Palavras-chave: correção política; Escola de Frankfurt; guerras culturais; movimento LaRouche; Nova Direita.

ABSTRACT

First published in 1992, the present article is considered by some scholars as the source of the idea of “cultural marxism” – despite the absence of the expression in the text itself. The circulation of this notion guides the cultural wars against the “politically correct” progressivism, in line with the allegation that the New Left had organized itself based on the Frankfurt School, replacing the political struggle with a cultural struggle. Originated within the LaRouche movement, the thesis would soon be adopted by the New Right, spreading along several variants of conservative discourse. In 2011, the far-right Norwegian activist Anders Breivik killed fifty-eight youth members of the Labour Party who were camping on the island of Utøya, an action that was accompanied by the manifest “A European Declaration of Independence”, which quotes the present text by Minnicino – though the author denies any connection to Breivik’s “monstrous thesis”.

Keywords: political correctness; Frankfurt School; culture wars; LaRouche movement; New Right.

INTRODUÇÃO

Os povos da América do Norte e da Europa Ocidental aceitam hoje um nível de feiura em suas vidas diárias que é quase sem precedentes na história da civilização ocidental. A maioria de nós se tornou tão acostumada a ela que a morte de milhões de pessoas por fome e doenças não produz mais do que um suspiro ou um murmúrio de protesto. As ruas de nossas cidades, lares de legiões de sem-teto, são dominadas pela “Narcotráfico S.A.”, a maior indústria do mundo, e nelas os americanos agora matam uns aos outros em um ritmo nunca visto desde a Idade das Trevas.

Ao mesmo tempo, milhares de horrores menores são tão comuns que passam despercebidos. Nossos filhos passam tanto tempo sentados em frente a televisão quanto passam na escola, assistindo alegremente à cenas de tortura e morte que poderiam chocar a plateia no Coliseu de Roma. A música está em toda parte, é quase inevitável, mas não eleva, nem mesmo tranquiliza: arranha os ouvidos, às vezes cuspidando uma obscenidade. Nossas artes plásticas são feias,

nossa arquitetura é feia, nossas roupas são feias. Certamente houve períodos na história em que a humanidade viveu tipos semelhantes de brutalidade, mas nosso tempo é fundamentalmente diferente. Nossa era pós-Segunda Guerra Mundial é a primeira na história em que esses horrores são completamente evitáveis. Nosso tempo é o primeiro a ter tecnologia e recursos para alimentar, abrigar, educar e empregar de maneira humana todas as pessoas no planeta, independentemente do crescimento da população. No entanto, quando são apresentadas ideias e tecnologias comprovadas que podem resolver os problemas mais terríveis, a maioria das pessoas recua para uma passividade implacável. Nós nos tornamos não apenas feios, mas impotentes.

No entanto, não há razão para a nossa atual situação moral-cultural ter se tornado – de maneira legal ou natural – o que se tornou; e não há razão para que essa tirania da feiura continue um instante a mais. Considere, leitor, a situação de apenas cem anos atrás, no início da década de 1890. Na música, Claude Debussy estava completando seu *Prelúdio à tarde de um fauno* e Arnold Schönberg começava a experimentar com o atonalismo. Ao mesmo tempo, Dvořák trabalhava em sua Sinfonia n° 9 enquanto Brahms e Verdi ainda viviam. Edvard Munch estava exibindo *O grito* e Paul Gauguin seu *Autorretrato com Halo*, mas, nos Estados Unidos da América (EUA), Thomas Eakins ainda pintava e ensinava. Mecanicistas como Helmholtz e Mach detinham importantes cátedras universitárias de ciências, ao lado dos alunos de Riemann e Cantor. A *Rerum novarum* do Papa Leão XIII estava sendo promulgada concomitante ao momento em que seções da Segunda Internacional Socialista estavam se tornando terroristas e se preparando para a luta de classes.

A crença otimista de que era possível compor música como Beethoven, pintar como Rembrandt, estudar o universo como Platão e Nicolau de Cusa e mudar a sociedade mundial sem violência estava viva na década de 1890 – reconhecidamente fraca e

sitiada, mas não estava morta. No entanto, em vinte breves anos, essas tradições clássicas da civilização humana foram praticamente varridas e o Ocidente se comprometeu com uma série de guerras de inconcebível carnificina.

O que começou cerca de cem anos antes foi o que pode ser chamado de contrarrenascimento. O Renascimento dos séculos XV e XVI foi uma celebração religiosa da alma humana e do potencial de crescimento da humanidade. A beleza na arte não poderia ser concebida como nada menos do que a expressão dos princípios científicos mais avançados, como demonstrado pela geometria sobre a qual se baseiam a perspectiva de Leonardo da Vinci e a grande Cúpula da Catedral de Florença de Brunelleschi. As mentes mais brilhantes da época voltaram seus pensamentos para os céus e as poderosas águas e mapearam o sistema solar e a rota para o Novo Mundo, planejando grandes projetos para mudar o curso dos rios para a melhoria da humanidade. Cerca de cem anos atrás, era como se uma longa lista de verificação tivesse sido elaborada, com todas as maravilhosas realizações da Renascença discriminadas – cada uma a ser revertida. Como parte desse movimento da “Nova Era”, como era então chamado, o conceito de alma humana foi minado pela campanha intelectual mais vociferante da história, a arte foi forçosamente separada da ciência e a própria ciência se tornou objeto de profunda desconfiança. A arte tornou-se feia porque, dizia-se, a vida se tornara feia.

O afastamento cultural das ideias renascentistas que construíram o mundo moderno se deveu a uma espécie de maçonaria da feiura. No início, foi uma conspiração política formal para popularizar teorias especificamente criadas para enfraquecer a alma da civilização judaico-cristã, de modo a fazer as pessoas acreditarem que a criatividade não era possível, que a adesão à verdade universal era evidência de autoritarismo e que a própria razão era suspeita. Essa conspiração foi decisiva no planejamento e desenvolvimento, como meio de manipulação social, das vastas novas indústrias irmãs de

rádio, televisão, cinema, música, publicidade e pesquisas de opinião pública. O domínio psicológico generalizado da mídia foi propositalmente fomentado para criar a passividade e o pessimismo que afligem nossas populações hoje. Essa conspiração foi tão bem-sucedida que se incorporou em nossa cultura; não precisa mais ser uma “conspiração”, pois ganhou vida própria. Seus sucessos não são discutíveis – basta ligar o rádio ou a televisão. Até mesmo a nomeação de um juiz da Suprema Corte está deformada em uma novela erótica, com o público torcendo à margem por seu personagem favorito.

Nossas universidades, o berço de nosso futuro tecnológico e intelectual, foram dominadas pela “correção política” da Nova Era ao estilo da Internacional Comunista. Com o colapso da União Soviética, nossos campi representam agora a maior concentração de dogma marxista do mundo. As irracionais explosões adolescentes dos anos 1960 se tornaram institucionalizadas em uma “revolução permanente”. Nossos professores olham por cima dos ombros, esperando que o modo atual desapareça antes que a denúncia de um aluno acabe com o trabalho de uma vida; alguns gravam suas aulas, temendo acusações de “insensibilidade” por parte de alguns “guardas vermelhos” enfurecidos. Estudantes da Universidade da Virgínia recentemente solicitaram, com sucesso, a eliminação da exigência de ler Homero, Chaucer e outros *Dead European Males* (DEM), ou homens europeus mortos, porque tais escritos são considerados etnocêntricos, falocêntricos e, geralmente, inferiores a autores “mais relevantes” de terceiro mundo, mulheres ou homossexuais.

Esta não é a academia de uma república; esta é a Gestapo de Hitler e o NKVD de Stalin, erradicando os “divergentes” e banindo livros – a única coisa que falta é a fogueira pública.

Teremos de enfrentar o fato de que a feiura que vemos ao nosso redor foi conscientemente fomentada e organizada de tal forma que a maioria da população está perdendo a capacidade cognitiva de

transmitir à próxima geração as ideias e os métodos sobre os quais nossa civilização foi construída. A perda dessa habilidade é o principal indicador de uma Idade das Trevas. E é exatamente em uma nova Idade das Trevas que estamos vivendo. Em tais situações, o registro histórico é inequívoco: ou criamos uma Renascença – um renascimento dos princípios fundamentais sobre os quais a civilização se originou – ou a nossa civilização morre.

A ESCOLA DE FRANKFURT: INTELLIGENTSIA BOLCHEVIQUE

O componente organizacional mais importante da conspiração previamente mencionada foi um *think tank* comunista chamado Instituto para Pesquisa Social (ISR), popularmente conhecido como Escola de Frankfurt.

Nos dias inebriantes imediatamente após a Revolução Bolchevique na Rússia, acreditava-se amplamente que a revolução proletária momentaneamente varreria os Urais para a Europa e, finalmente, para a América do Norte. Isso não aconteceu. As duas únicas tentativas de governo operário no Ocidente – em Munique e Budapeste – duraram apenas alguns meses. A Internacional Comunista, portanto, iniciou várias operações para determinar por que isso acontecia. Uma delas foi chefiada por György Lukács, um aristocrata húngaro, filho de um dos principais banqueiros do Império Habsburgo. Formado na Alemanha e já um importante teórico literário, Lukács tornou-se comunista durante a Primeira Guerra Mundial, escrevendo, ao se juntar ao partido: “Quem nos salvará da civilização ocidental?”. Lukács estava bem preparado para a tarefa da Internacional Comunista: havia sido um dos Comissários da Cultura durante o efêmero soviete húngaro em Budapeste, em 1919. Na verdade, os historiadores modernos ligam a brevidade do experimento de Budapeste às ordens de Lukács, que obrigavam a educação sexual nas escolas, o fácil acesso à contracepção e o afrouxamento das leis de divórcio – tudo isso revoltou a população católica romana da Hungria.

Fugindo para a União Soviética após a contrarrevolução, Lukács ficou escondido na Alemanha em 1922, onde presidiu uma reunião de sociólogos e intelectuais de orientação comunista. Essa reunião fundou o Instituto para Pesquisa Social. Na década seguinte, o Instituto elaborou o que se tornaria a operação de guerra psicológica mais bem-sucedida da Internacional Comunista contra o Ocidente capitalista.

Lukács identificou que qualquer movimento político capaz de trazer o bolchevismo para o Ocidente teria de ser, em suas palavras, “demoníaco”, teria de “[...] possuir o poder religioso capaz de preencher a totalidade da alma; um poder que caracterizava o cristianismo primitivo”. No entanto, sugeriu Lukács, tal movimento político “messiânico” apenas conseguiria obter sucesso com o indivíduo acreditando que suas ações são determinadas “não [por] um destino pessoal, mas [pel]o destino da comunidade” em um mundo “**que foi abandonado por Deus**” (grifo nosso). O bolchevismo funcionou na Rússia, porque tal nação era dominada por uma forma gnóstica peculiar de cristianismo, tipificada pelos escritos de Fiódor Dostoiévski. “O modelo para o novo homem é Alyosha Karamazov”, disse Lukács, referindo-se ao personagem de Dostoiévski que voluntariamente entregou sua identidade pessoal a um homem santo e, assim, deixou de ser “único, puro e, portanto, abstrato”.

Esse abandono da singularidade da alma também resolve o problema das “forças diabólicas que espreitam em toda violência” e que devem ser desencadeadas para criar uma revolução. Nesse contexto, Lukács citou o capítulo *O grande inquisidor* do livro de Dostoiévski, *Os irmãos Karamazov*, observando que o inquisidor que interroga Jesus resolveu a questão do bem e do mal: uma vez que o homem compreendeu sua alienação de Deus, qualquer ato a serviço do “destino da comunidade” é justificado e tal ato não pode ser “[...] nem crime nem loucura... pois o crime e a loucura são objetificações da falta de moradia transcendental”.

Conforme uma testemunha ocular, durante as reuniões da liderança soviética húngara, em 1919, para elaborar listas para o pelotão de fuzilamento, Lukács costumava citar o grande inquisidor: “E nós que, para felicidade deles, tomamos sobre nós seus pecados, diante de si, dizemos: ‘Julga-nos se pode e se ousa’”.

O problema do Gênesis

O que diferenciava o Ocidente da Rússia, Lukács identificou, era sua matriz cultural judaico-cristã que enfatizava, exatamente, a singularidade e a sacralidade do indivíduo que Lukács abjurava. Em sua essência, a ideologia dominante ocidental sustentava que o indivíduo, por meio do exercício de sua razão, poderia discernir a vontade divina em um relacionamento não mediado. O que era pior, do ponto de vista de Lukács: essa relação razoável implicava, necessariamente, que o indivíduo poderia e deveria mudar o universo físico em busca do bem e que o homem deveria ter domínio sobre a natureza, conforme declarado na injunção bíblica em Gênesis. O problema era que, enquanto o indivíduo tivesse a crença – ou mesmo a esperança da crença – de que sua centelha divina de razão poderia resolver os problemas enfrentados pela sociedade, essa sociedade jamais alcançaria o estado de desesperança e alienação que Lukács reconhecia como o pré-requisito necessário para a revolução socialista.

A tarefa da Escola de Frankfurt, então, era, primeiro, minar o legado judaico-cristão por meio de uma “abolição da cultura” – *Aufhebung der kultur*, no alemão de Lukács – e, segundo, determinar novas formas culturais **que aumentassem a alienação da população**, criando, assim, uma “nova barbárie”. Para esta tarefa, reuniu-se dentro e no entorno da Escola de Frankfurt uma incrível variedade de não apenas comunistas, mas também de socialistas sem partido, fenomenólogos radicais, sionistas, freudianos renegados e pelo menos alguns membros de um autoproclamado “culto de Astarte”. A composição variada refletiu, até certo ponto, o patrocínio: embora o Instituto para Pesquisa Social tenha começado com

o apoio da Internacional Socialista, nas três décadas seguintes suas fontes de recursos incluíram várias universidades alemãs e estadunidenses: a Fundação Rockefeller, a *Columbia Broadcasting System* (CBS), o Comitê Judaico Americano, vários serviços de inteligência estadunidenses, o escritório do Alto Comissariado dos EUA para a Alemanha, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Instituto Hacker, uma elegante clínica psiquiátrica em Beverly Hills. Da mesma forma, as lealdades políticas do instituto: embora o pessoal do alto escalão mantivesse o que poderia ser chamado de relação sentimental com a União Soviética – e há evidências de que alguns deles trabalharam para a inteligência soviética até a década de 1960 –, o Instituto via seus objetivos como superiores aos da política externa russa. Stalin, que ficou horrorizado com a operação indisciplinada e “cosmopolita” criada por seus antecessores, cortou o Instituto no final da década de 1920, forçando Lukács à “autocrítica” e prendendo-o brevemente como simpatizante da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Lukács sobreviveu para assumir brevemente seu antigo cargo de Ministro da Cultura durante o regime antistalinista de Imre Nagy, na Hungria. Das outras figuras importantes do Instituto, as perambulações políticas de **Herbert Marcuse** são típicas. Ele começou como comunista, mas tornou-se protegido do filósofo Martin Heidegger no momento em que este se filiava ao Partido Nazista. Chegando nos EUA, trabalhou para o Escritório de Serviços Estratégicos da Segunda Guerra Mundial (OSS) e, mais tarde, se tornou o principal analista de política soviética do Departamento de Estado dos EUA durante o auge do período McCarthy. Na década de 1960, transformou-se novamente para se tornar o guru mais importante da Nova Esquerda e terminou seus dias ajudando a fundar o ambientalista extremista Partido Verde na Alemanha Ocidental.

Em toda essa aparente incoerência de posições mutáveis e financiamento contraditório, não há conflito ideológico. A constante é o desejo de todas as partes de responder à pergunta original de Lukács: “Quem nos salvará da civilização ocidental?”.

Theodor Adorno e Walter Benjamin

Talvez o mais importante, embora menos conhecido, dos sucessos da Escola de Frankfurt tenha sido a transformação da mídia eletrônica de rádio e televisão nos poderosos instrumentos de controle social que eles representam hoje. Isso surgiu do trabalho feito, originalmente, por dois homens que ingressaram no instituto no final da década de 1920: **Theodor Adorno** e **Walter Benjamin**.

Após concluir os estudos na Universidade de Frankfurt, Walter Benjamin planejava emigrar para a Palestina em 1924 com seu amigo **Gershom Scholem** – que, mais tarde, tornou-se um dos filósofos mais famosos de Israel, bem como o principal gnóstico do judaísmo –, mas foi impedido por um caso de amor com **Asja Lacis**, uma atriz letã e longarina da Internacional Comunista. Lacis o levou para a ilha italiana de Capri, um centro de culto ao imperador Tibério na época, então usado como base de treinamento da Internacional Comunista. O até então apolítico Benjamin escreveu a Scholem de Capri dizendo que havia encontrado “[...] uma libertação existencial e uma percepção intensiva da realidade do comunismo radical”.

Lacis mais tarde levou Benjamin a Moscou para mais doutrinação, onde ele conheceu o dramaturgo **Bertolt Brecht**, com quem iniciaria uma longa colaboração. Logo depois, enquanto trabalhava na primeira tradução alemã do poeta francês Baudelaire, Benjamin, entusiasta das drogas, começou a fazer experiências sérias com alucinógenos. Em 1927, esteve em Berlim como parte de um grupo liderado por Adorno, estudando as obras de Lukács. Outros membros do grupo de estudo incluíam Brecht e seu parceiro, o compositor **Kurt Weill**; **Hanns Eisler**, outro compositor que mais tarde se tornaria autor de trilhas sonoras de filmes de Hollywood e coautor com Adorno do livro didático *A composição para cinema*; o fotógrafo de vanguarda **Imre Moholy-Nagy**; o maestro **Otto Klemperer**. De 1928 a 1932, Adorno e Benjamin tiveram uma intensa colaboração, ao final da qual passaram a publicar artigos na revista do

instituto, a *Zeitschrift für Sozialforschung*. Benjamin foi mantido à margem do Instituto, em grande parte devido a Adorno, que mais tarde se apropriaria de grande parte de sua obra. Quando Hitler chegou ao poder, a equipe do Instituto fugiu, mas, enquanto a maioria foi rapidamente levada para novas missões nos EUA e na Inglaterra, não houve ofertas de emprego para Benjamin, provavelmente devido à animosidade de Adorno. Ele foi para a França e, após a invasão alemã, fugiu para a fronteira espanhola. Esperando ser preso pela Gestapo a qualquer momento, ele se desesperou e morreu de overdose de drogas em um quarto sujo de hotel.

A obra de Benjamin permaneceu quase completamente desconhecida até 1955, quando Scholem e Adorno publicaram uma edição de seu material na Alemanha. A restauração completa ocorreu em 1968, quando **Hannah Arendt**, ex-amante de Heidegger e colaboradora do Instituto nos EUA, publicou um importante artigo sobre Benjamin na revista *The New Yorker*, seguido, no mesmo ano, pelas primeiras traduções inglesas de sua obra. Hoje, todas as livrarias universitárias do país possuem uma prateleira cheia dedicada às traduções de tudo o que Benjamin escreveu, além de suas exegeses, todas com datas de direitos autorais dos anos 1980.

Adorno era mais jovem que Benjamin e tão agressivo quanto o mais velho era passivo. Nascido Theodor Wiesengrund-Adorno em uma família da Córsega, aprendeu piano desde cedo com uma tia que morava com a família e havia sido acompanhante de concertos da estrela de ópera internacional, Adelina Patti. O pensamento geral era de que Theodor se tornaria músico profissional, e ele estudou com Bernhard Sekles, professor de Paul Hindemith. No entanto, em 1918, ainda estudante do ginásio, Adorno conheceu **Siegfried Kracauer**. Kracauer fazia parte de um salão kantiano-sionista que se reunia na casa do **rabino Neemias Nobel**, em Frankfurt. Outros membros do círculo de Nobel incluíam o filósofo **Martin Buber**, o escritor **Franz Rosenzweig** e dois alunos, **Leo Löwenthal** e **Erich Fromm**. Kracauer, Löwenthal e Fromm

se juntariam ao ISR duas décadas depois. Adorno contratou Kracauer para ensiná-lo a filosofia de Kant; Kracauer também apresentou a ele os escritos de Lukács e Walter Benjamin, que estava em torno da camarilha de Nobel.

Em 1924, Adorno mudou-se para Viena para estudar com os compositores atonais **Alban Berg** e **Arnold Schönberg** e se conectou com o círculo de vanguarda e ocultismo em torno do velho marxista **Karl Kraus**. Ali, ele não apenas conheceu seu futuro colaborador, Hanns Eisler, como também entrou em contato com as teorias do extremista freudiano **Otto Gross**. Gross, um viciado em cocaína de longa data, morreu em uma sarjeta de Berlim em 1920, quando estava a caminho de ajudar a revolução em Budapeste. Ele havia desenvolvido a teoria de que a saúde mental só poderia ser alcançada por meio do renascimento do antigo culto de Astarte, que varreria o monoteísmo e a “família burguesa”.

Salvando a estética marxista

Em 1928, Adorno e Benjamin haviam satisfeito seu desejo intelectual de viajar e se estabeleceram no ISR na Alemanha para trabalhar. Como tema, eles escolheram um aspecto do problema colocado por Lukács: como dar à estética uma base firmemente materialista? Era uma questão de alguma importância, na época. As discussões oficiais soviéticas sobre arte e cultura, com seus giros selvagens em “realismo socialista” e “*proletkult*”, eram idiotas e só serviam para desacreditar a pretensão do marxismo à filosofia entre os intelectuais. Os próprios escritos de Karl Marx sobre o assunto eram, na melhor das hipóteses, superficiais e banais.

Basicamente, o problema de Adorno e Benjamin era Gottfried Wilhelm Leibniz. No início do século XVIII, Leibniz havia, mais uma vez, obliterado o secular dualismo gnóstico que dividia mente e corpo ao demonstrar que a matéria não pensa. Um ato criativo na arte ou na ciência apreende a verdade do universo físico, mas não é determinado por esse universo físico. Ao concentrar conscientemente o passado no presente para efetuar o futuro, o ato criativo,

adequadamente definido, é tão imortal quanto a alma que visualiza o ato. Isso tem implicações filosóficas fatais para o marxismo, que se baseia inteiramente na hipótese de que a atividade mental é determinada pelas relações sociais excretadas pela produção humana de sua existência física.

Marx evitou o problema de Leibniz, assim como Adorno e Benjamin, embora o último o tenha feito com muito mais brio. É errado, disse Benjamin em seus primeiros artigos sobre o assunto, começar com a mente racional e hipotética como base do desenvolvimento da civilização; este é um legado infeliz de Sócrates. Como alternativa, Benjamin apresentou uma fábula aristotélica na interpretação do Gênesis: suponhamos que o Éden tenha sido dado a Adão como o estado físico primordial. A origem da ciência e da filosofia não está na investigação e no domínio da natureza, mas em **nomear** os objetos da natureza; no estado primordial, nomear uma coisa era dizer tudo o que havia a dizer sobre aquela coisa. Para sustentar isso, Benjamin lembrou cingidamente as linhas iniciais do Evangelho segundo São João, evitando cuidadosamente o grego filosoficamente mais amplo e preferindo a Vulgata, de modo que na frase “No princípio era o Verbo”, as conotações da palavra grega original, *logos* – fala, razão, raciocínio, traduzida como “palavra” –, são substituídas pelo significado mais restrito da palavra latina *verbum*. Após a expulsão do Éden, a exigência de Deus de que Adão comesse o pão ganho com o suor de seu rosto – a metáfora marxista de Benjamin para o desenvolvimento das economias – e a maldição adicional de Deus sobre a Torre de Babel de Ninrode – isto é, o desenvolvimento de estados-nação com línguas distintas, que Benjamin e Marx viam como um processo negativo e longe do “comunismo primitivo” do Éden –, a humanidade tornou-se “alienada” do mundo físico.

Assim, continuou Benjamin, os objetos ainda emitem uma “aura” de sua forma primordial, mas a verdade agora é irremediavelmente ilusória. Na verdade, a fala, a linguagem escrita, a arte e a própria

criatividade – aquilo pelo qual dominamos a fisicalidade – apenas aumentam o estranhamento ao tentar, no jargão marxista, incorporar objetos da natureza às relações sociais determinadas pela estrutura de classes dominante naquele ponto da história. O artista criativo ou o cientista, portanto, é um vaso, como Íon, o rapsodo, como ele se descreveu a Sócrates, ou como um moderno defensor da “teoria do caos”: o ato criativo brota da miscelânea da cultura como que por mágica. Quanto mais o homem burguês tenta transmitir o que pretende sobre um objeto, menos verdadeiro ele se torna ou, em uma das declarações mais citadas de Benjamin, “a verdade é a morte da intenção”.

Essa prestidigitação filosófica permite que se faça várias coisas destrutivas. Ao tornar a criatividade historicamente específica, rouba-se dela tanto a imortalidade quanto a moralidade. Não se pode conjecturar a verdade universal ou a lei natural, pois a verdade é completamente relativa ao desenvolvimento histórico. Ao descartar a ideia de verdade e erro, também se pode eliminar o conceito “obsoleto” de bem e mal. Nas palavras de Friedrich Nietzsche, você está “além do bem e do mal”. Benjamin é capaz, por exemplo, de defender o que chama de “satanismo” dos simbolistas franceses e seus sucessores surrealistas, pois no âmago desse satanismo “[...] encontra-se o culto do mal como um artifício político... contra todo diletantismo moralizante” da burguesia. Condenar o satanismo de Rimbaud como mau é tão incorreto quanto exaltar um quarteto de Beethoven ou um poema de Schiller como bem, pois ambos os julgamentos são cegos para as forças históricas que trabalham **inconscientemente** no artista.

Assim, nos dizem, a estrutura de acordes do falecido Beethoven estava se esforçando para ser atonal, mas Beethoven não conseguiu **conscientemente** romper com o mundo estruturado do Congresso de Viena Europa, segundo a tese de Adorno. Da mesma forma, Schiller realmente queria afirmar que a criatividade era a liberação do erótico, mas, como um verdadeiro filho do iluminismo

e de Immanuel Kant, ele não poderia fazer a necessária renúncia à razão, segundo a tese de Marcuse. A epistemologia torna-se um pobre parente da opinião pública, pois o artista não cria conscientemente obras para elevar a sociedade, mas transmite inconscientemente os pressupostos ideológicos da cultura em que nasceu. A questão não é mais o que é universalmente verdadeiro, mas o que pode ser interpretado de forma plausível pelos autoproclamados guardiões do *Zeitgeist*.

“Os maus velhos tempos”

Assim, para a Escola de Frankfurt, o objetivo de uma elite cultural na era moderna e “capitalista” deve ser se livrar da crença de que a arte deriva da emulação autoconsciente de um Deus criador. A “iluminação religiosa”, diz Benjamin, deve ser exibida para “residir em uma iluminação profana, uma inspiração materialista, antropológica, à qual o haxixe, o ópio ou qualquer outra coisa pode dar uma lição introdutória”. Ao mesmo tempo, **novas formas culturais devem ser encontradas para aumentar a alienação da população** para que ela entenda quão verdadeiramente alienante é viver sem o socialismo. “Não construa os bons velhos tempos, mas os maus novos tempos”, disse Benjamin.

A direção adequada na pintura, portanto, é aquela tomada pelo falecido Van Gogh, que começou a pintar objetos em desintegração com o equivalente a um olho de fumante de haxixe que “solta e atrai as coisas para fora de seu mundo familiar”. Na música, “não se sugere que se possa compor melhor hoje” do que Mozart ou Beethoven, disse Adorno, mas deve-se compor atonalmente, pois o atonalismo é doente, e

[...] a doença, dialeticamente, é ao mesmo tempo a cura... O protesto de reação extraordinariamente violento que essa música enfrenta na sociedade atual... parece, no entanto, sugerir que a função dialética dessa música já pode ser sentida... negativamente, como ‘destruição’.

O propósito da arte, da literatura e da música moderna deve ser destruir o potencial edificante – portanto, burguês – da arte, da literatura e da música, de modo que o homem, **desprovido de sua conexão com o divino**, veja como única opção criativa a revolta política. “Organizar o pessimismo não significa nada mais do que expulsar a metáfora moral da política e descobrir na ação política uma esfera reservada cem por cento para as imagens”. Assim, Benjamin colaborou com Brecht para trabalhar essas teorias em forma prática, e o esforço conjunto culminou no *Verfremdungseffekt* (“efeito de estranhamento”), uma tentativa de Brecht de escrever suas peças de forma a fazer o público sair do teatro desmoralizado e genericamente irado.

Politicamente correto

A análise de Adorno-Benjamin representa quase a totalidade da base teórica de todas as tendências estéticas politicamente corretas que hoje assolam nossas universidades. O pós-estruturalismo de **Roland Barthes**, **Michel Foucault** e **Jacques Derrida**, a semiótica de **Umberto Eco**, o desconstrutivismo de **Paul De Man**... todos citam abertamente Benjamin como a fonte de seu trabalho. O romance best-seller do terrorista italiano Eco, *O Nome da Rosa*, é pouco mais que um hino a Benjamin. DeMan, o ex-colaborador nazista na Bélgica que se tornou um prestigioso professor de Yale, começou a carreira traduzindo Benjamin. A infame declaração de 1968 de Barthes de que “[o] autor está morto” pretende ser uma elaboração da máxima de Benjamin sobre a intenção. Benjamin chegou a ser chamado de herdeiro de Leibniz e de Wilhelm von Humboldt, filólogo colaborador de Schiller cujas reformas educacionais engendraram o tremendo desenvolvimento da Alemanha no século XIX. Ainda recentemente, em setembro de 1991, o *The Washington Post* se referiu a Benjamin como “o melhor teórico literário alemão do século (e muitos teriam deixado de fora o qualificativo alemão)”. Os leitores, sem dúvida, ouviram uma ou outra história de horror sobre como um departamento de estudos afro-americanos

conseguiu a proibição de *Otelo*, porque é “racista”, ou como uma professora feminista radical deu uma palestra em uma reunião da *Modern Language Association* sobre como as bruxas são as “verdadeiras heroínas” de *Macbeth*. Essas atrocidades ocorrem porque os perpetradores são capazes de demonstrar com plausibilidade, na tradição de Benjamin e Adorno, que a intenção de Shakespeare é irrelevante; o que importa é o “subtexto” racista ou falocêntrico do qual Shakespeare não tinha consciência quando escreveu.

Quando o departamento de estudos da mulher ou de estudos do terceiro mundo organiza estudantes para abandonar os clássicos em favor de autores negros e feministas modernos, as razões apresentadas são Benjamin puro. Não que esses escritores modernos sejam melhores, mas eles são de alguma forma mais verdadeiros, porque sua prosa alienada reflete os problemas sociais modernos que os autores mais antigos ignoravam! Os alunos estão sendo ensinados que a linguagem em si é, como disse Benjamin, apenas um conglomerado de falsos “nomes” impingidos à sociedade por seus opressores e são advertidos contra o “logocentrismo”, a excessiva confiança burguesa nas palavras.

Se essas palhaçadas no campus parecem “retardadas”, nas palavras de Adorno é porque foram projetadas para ser. O avanço mais importante da Escola de Frankfurt consiste na percepção de que suas teorias monstruosas poderiam se tornar dominantes na cultura como resultado das mudanças na sociedade, provocadas pelo que Benjamin chamou de “a era da reprodução mecânica da arte”.

O ESTABLISHMENT SE TORNA BOLCHEVIQUE: O “ENTRETENIMENTO” SUBSTITUI A ARTE

Antes do século XX, a distinção entre arte e entretenimento era muito mais pronunciada. Era possível entreter-se com a arte, certamente, mas a experiência era ativa, não passiva. No primeiro nível, era preciso fazer uma escolha consciente de ir a um

concerto, ver uma determinada exposição de arte, comprar um livro ou uma partitura. Era improvável que mais do que uma fração infinitesimal da população tivesse a oportunidade de ver *Rei Lear* ou ouvir a Sinfonia n° 9 de Beethoven mais de uma ou duas vezes na vida. A arte exigia que a pessoa usasse todos os seus poderes de concentração e conhecimento do assunto para suportar cada experiência ou, então, a experiência seria considerada um desperdício. Eram os dias em que a memorização de poesias e peças inteiras e a reunião de amigos e familiares para um “concerto de salão” eram a norma, mesmo em famílias rurais. Aqueles também foram os dias anteriores à “apreciação da música”; quando se estudava música, como muitos faziam, aprendia-se a tocá-la, não a apreciá-la.

No entanto, as novas tecnologias de rádio, cinema e música gravada representavam, para usar a palavra marxista apropriada, um potencial dialético. Por um lado, essas tecnologias ofereciam a possibilidade de levar as maiores obras de arte a milhões de pessoas que de outra forma não teriam acesso a elas. Por outro, o fato de a experiência ser infinitamente reproduzível poderia tender a desconectar a mente do público, tornando a experiência menos sagrada e aumentando, dessa forma, a alienação. Adorno chamou esse processo de “desmistificar”. Em artigo crucial publicado em 1938, Adorno levantou a hipótese de que essa nova passividade poderia fraturar uma composição musical em partes “divertidas”, que seriam “fetichizadas” na memória do ouvinte, e partes difíceis, que seriam esquecidas. Continua Adorno:

A contrapartida do fetichismo é uma regressão da escuta. Isso não significa uma recaída do ouvinte individual a uma fase anterior de seu próprio desenvolvimento, nem um declínio no nível geral coletivo, pois os milhões que são alcançados musicalmente pela primeira vez pelas comunicações de massa de hoje não podem ser comparados com as audiências do passado. Pelo contrário, foi

a escuta contemporânea que regrediu, detida no estágio infantil. Não apenas os sujeitos ouvintes perdem, junto com a liberdade de escolha e responsabilidade, a capacidade de percepção consciente da música... [eles] oscilam entre o esquecimento compreensivo e os mergulhos súbitos no reconhecimento. Escutam atomicamente e dissociam o que ouvem, mas justamente nessa dissociação desenvolvem certas capacidades que se harmonizam menos com os conceitos tradicionais de estética do que com os do futebol ou do automobilismo. Eles não são infantis [...] mas são imaturos; seu primitivismo não é o do subdesenvolvido, mas o do **forçosamente retardado**. (Grifo nosso)

Esse retardo conceitual e o pré-condicionamento, causados pela escuta, sugeriam que a programação poderia determinar a preferência. O próprio ato de colocar, digamos, um número de Benny Goodman ao lado de uma sonata de Mozart no rádio tenderia a amalgamar ambos em uma “música-de-rádio” divertida na mente do ouvinte. Isso significava que mesmo ideias novas e desagradáveis poderiam se tornar populares ao serem “renomeadas” por meio do homogeneizador universal da indústria cultural. Como diz Benjamin, a reprodução mecânica da arte muda a reação das massas em relação à arte. A atitude reacionária em relação a uma pintura de Picasso se transforma em uma reação progressista em relação a um filme de Chaplin. A reação progressista é caracterizada pela fusão direta e íntima do prazer visual e emocional com a orientação do especialista. No que diz respeito à tela, as atitudes críticas e receptivas do público coincidem. A razão decisiva para isso é que as reações individuais são predeterminadas pela resposta do público de massa que elas estão prestes a produzir, e isso é mais pronunciado no cinema do que em qualquer outro lugar.

Ao mesmo tempo, o poder mágico da mídia poderia ser usado para redefinir ideias anteriores. “Shakespeare, Rembrandt e Beethoven farão filmes”, concluiu Benjamin, citando o pioneiro do cinema

francês **Abel Gance**; “[...] todas as lendas, todas as mitologias, todos os mitos, todos os fundadores de religiões e as próprias religiões... aguardam sua ressurreição exposta”.

Controle social: o “projeto rádio”

Aqui, então, estavam algumas teorias poderosas de controle social. As grandes possibilidades do trabalho da Escola de Frankfurt sobre a mídia foram, provavelmente, o principal fator a contribuir para o apoio dado ao ISR pelos bastiões do establishment depois que o instituto transferiu as operações para os Estados Unidos, em 1934. Em 1937, a Fundação Rockefeller começou a financiar pesquisas sobre os efeitos sociais de novas formas de mídia de massa, particularmente o rádio. Antes da Primeira Guerra Mundial, o rádio era um hobby, com apenas 125 mil aparelhos receptores em todos os Estados Unidos; vinte anos depois, tornou-se o principal meio de entretenimento do país. Das 32 milhões de famílias americanas em 1937, 27,5 milhões tinham rádios – um percentual maior do que telefones, automóveis, encanamento ou eletricidade! No entanto, quase nenhuma pesquisa sistemática havia sido feita até àquela altura. A Fundação Rockefeller recrutou várias universidades e sediou essa rede na Escola de Relações Públicas e Internacionais da Universidade de Princeton. Chamado de Escritório de Pesquisa de Rádio, era popularmente conhecido como “o Projeto de Rádio”. O diretor do projeto era **Paul Lazarsfeld**, o filho adotivo do economista marxista austríaco Rudolf Hilferding e colaborador de longa data do ISR desde o início dos anos 1930. Abaixo de Lazarsfeld estava **Frank Stanton**, um recente PhD em psicologia industrial da Universidade Estadual de Ohio que havia acabado de ser nomeado diretor de pesquisa da CBS – um título grandioso, mas uma posição inferior. Após a Segunda Guerra Mundial, Stanton tornou-se presidente da *CBS News Division* e, finalmente, presidente da CBS, no auge do poder da rede de TV. Ele também se tornou presidente do conselho da RAND Corporation e membro do “gabinete de cozinha” do presidente Lyndon Johnson. Entre os pesquisadores

do projeto estavam **Herta Herzog**, que se casou com Lazarsfeld e se tornou a primeira diretora de pesquisa do *Voice of America* (VOA), e **Hazel Gaudet-Erskine**, que se tornou uma das principais pesquisadoras políticas do país. Theodor Adorno foi nomeado chefe da seção de música do projeto.

Apesar do brilho oficial, as atividades do Projeto de Rádio deixaram claro que seu objetivo era testar empiricamente a tese de Adorno e Benjamin de que o efeito líquido dos meios de comunicação de massa poderia ser atomizar e aumentar a labilidade – o que as pessoas mais tarde chamariam de “lavagem cerebral”.

Novelas e a invasão de Marte

Os primeiros estudos foram promissores. Herta Herzog produziu *On borrowed experiences* (Sobre experiências emprestadas), a primeira pesquisa abrangente sobre novelas. O formato “drama de rádio em série” foi usado pela primeira vez em 1929, inspirado no antigo seriado de filmes “Os perigos de Paulina”. Como eram altamente melodramáticas, essas pequenas peças de rádio se tornaram popularmente identificadas com a grande ópera italiana; como muitas vezes eram patrocinadas por fabricantes de sabão, acabaram sendo referidas, em inglês, com o nome genérico de “*soap opera*”, ou “ópera do sabão”.

Até o trabalho de Herzog, pensava-se que a imensa popularidade desse formato era em grande parte entre mulheres de nível socioeconômico mais baixo que, nas circunstâncias restritas de suas vidas, precisavam de uma fuga útil para lugares exóticos e situações românticas. Um artigo típico daquele período de dois psicólogos da Universidade de Chicago, *The Radio Day-Time Serial: Symbol Analysis* (A série de rádio diurna: análise de símbolos), publicado no *Genetic Psychology Monographs*, enfatizava solenemente o lado positivo, alegando que as novelas “funcionam muito como o conto folclórico, expressando as esperanças e os medos de seu público feminino, e em geral contribuem para a integração de suas vidas no mundo em que vivem”.

Herzog descobriu que, na verdade, não havia correlação com o status socioeconômico. Além disso, havia surpreendentemente pouca correlação com o conteúdo. O fator-chave – como as teorias de Adorno e Benjamin sugeriram que seria – era a **forma** em si da série. As mulheres estavam ficando efetivamente viciadas no formato, não tanto para se divertirem ou fugirem, mas para “descobrir o que acontece na próxima semana”. Na verdade, Herzog descobriu que era possível quase dobrar a audiência de uma peça de rádio dividindo-a em segmentos.

Os leitores modernos reconhecerão imediatamente que essa não foi uma lição perdida pela indústria do entretenimento. Hoje em dia, o formato seriado se espalhou para a programação infantil e programas de alto orçamento transmitidos no horário nobre da televisão. Os programas mais assistidos na história da televisão continuam sendo o *Quem matou JR?*, capítulo de *Dallas*, e o último episódio de *M*A*S*H*, ambos baseados em um formato “o que acontece a seguir?”. Mesmo longas-metragens, como as trilogias *Guerra das estrelas* e *De volta para o futuro*, agora são produzidos como seriados, a fim de garantir uma audiência para os capítulos posteriores. A humilde novela diurna também mantém suas qualidades viciantes na era atual: 70% de todas as mulheres norte-americanas com mais de 18 anos de idade assistem a pelo menos dois desses programas por dia e há uma audiência em rápido crescimento entre homens e estudantes universitários de ambos os sexos. O grande estudo seguinte do Projeto de Rádio foi uma investigação sobre os efeitos da peça de rádio *Guerra dos mundos*, de **Orson Welles**, baseada em H. G. Wells e transmitida em 1938. Seis milhões de pessoas ouviram a transmissão descrevendo realisticamente uma força de invasão marciana desembarcando na zona rural de Nova Jérsei. Apesar das declarações repetidas e claras de que o programa era fictício, aproximadamente 25% dos ouvintes acharam que era real, alguns entrando em pânico. Os pesquisadores do Projeto de Rádio descobriram que a maioria das pessoas que entraram em

pânico não achavam que homens de Marte haviam invadido; eles na realidade achavam que os alemães haviam invadido.

Eis como isso aconteceu. Os ouvintes haviam sido psicologicamente pré-condicionados por reportagens de rádio sobre a crise de Munique no início daquele ano. Durante aquela crise, o homem da CBS na Europa, **Edward R. Murrow**, teve a ideia de entrar na programação regular para apresentar pequenos boletins de notícias. Pela primeira vez na radiodifusão, as notícias eram apresentadas não em peças analíticas mais longas, mas em cliques curtos – o que hoje chamamos de “boletins de áudio”. No auge da crise, esses flashes se tornaram tão numerosos que, nas palavras do produtor de Murrow, **Fred Friendly**, “havia boletins de notícias interrompendo boletins de notícias”. À medida que os ouvintes pensavam que o mundo estava à beira da guerra, a audiência da CBS aumentou dramaticamente. Quando Welles fez sua transmissão fictícia mais tarde, depois que a crise recuara, ele usou a técnica de boletim de notícias para dar verossimilhança às coisas: começou a transmissão fingindo um programa de música de dança padrão, que ficava sendo interrompido por relatórios cada vez mais aterroizantes “na cena dos fatos” de Nova Jérsei. Ouvintes que entraram em pânico não reagiram ao conteúdo, mas ao formato; eles ouviram “interrompemos este programa para um boletim de emergência” e “invasão” e imediatamente concluíram que Hitler havia invadido. A técnica da novela, transposta para o noticiário, funcionara em uma escala vasta e inesperada.

A pequena Annie e o “sonho wagneriano” da TV

Em 1939, um dos números da revista trimestral *Journal of Applied Psychology* foi entregue para Adorno e o Projeto de Rádio publicarem algumas de suas descobertas. A conclusão deles foi que, nos últimos vinte anos, os norte-americanos haviam se tornado “orientados para o rádio” e que sua escuta se tornara tão fragmentada que a repetição do formato era o segredo para a popularidade. A lista de músicas determinava os “sucessos” – uma verdade bem

conhecida do crime organizado, tanto naquela época quanto agora – e a repetição podia tornar qualquer forma de música ou qualquer artista, até mesmo um intérprete de música clássica, uma “estrela”. Contanto que uma forma ou um contexto familiar fosse mantido, quase qualquer conteúdo se tornaria aceitável. “Não apenas canções de sucesso, estrelas e novelas são tipos ciclicamente recorrentes e rigidamente invariáveis”, disse Adorno, resumindo esse material alguns anos depois, “mas o conteúdo específico do entretenimento em si é derivado deles e apenas parece mudar. Os detalhes são intercambiáveis”.

A maior realização do Projeto de Rádio foi a pesquisa “Little Annie”, oficialmente intitulada Analisador de Programa Stanton-Lazarsfeld. A pesquisa do Projeto de Rádio demonstrou que todos os métodos anteriores de pesquisa prévia eram ineficazes. Até aquele momento, um público prévio ouvia um programa ou assistia a um filme e, em seguida, recebia perguntas gerais: você gostou do programa? O que você achou do desempenho de fulano de tal? O Projeto de Rádio percebeu que esse método não levava em conta a percepção atomizada do público-teste sobre o assunto e exigia que eles fizessem uma análise racional do que se pretendia ser uma experiência irracional. Então, o projeto criou um dispositivo no qual cada membro da audiência de teste recebia um tipo de reostato em que poderia registrar a intensidade do que gostava ou desgostava a cada momento. Ao comparar os gráficos individuais produzidos pelo dispositivo, os operadores podiam determinar não se o público havia gostado de todo o programa – o que era irrelevante –, mas quais situações ou personagens produziam um estado de sentimento positivo, ainda que momentâneo.

“Little Annie” transformou a programação do rádio, cinema e, finalmente, da televisão. A CBS ainda mantém instalações de análise de programas em Hollywood e Nova Iorque – diz-se que os resultados correlacionam 85% com as classificações. Outras redes e estúdios de cinema têm operações semelhantes. Esse tipo de análise

é responsável pela sensação estranha que você tem quando, ao ver um novo filme ou programa de TV, pensa que já viu tudo antes. Você já viu, muitas vezes. Se um analisador de programa indica que, por exemplo, o público ficou particularmente excitado por uma cena curta em um drama da Segunda Guerra Mundial que mostrava um certo tipo de ator beijando um certo tipo de atriz, então esse formato de cena será trabalhado em dezenas de roteiros – transpostos à Idade Média, ao espaço sideral etc.

O Projeto de Rádio também percebeu que a televisão tinha o potencial de intensificar todos os efeitos que haviam sido estudados por ele. A tecnologia da TV já existia havia alguns anos e fora exibida na Feira Mundial de 1936, em Nova Iorque, mas a única pessoa a tentar uma utilização séria desse meio fora Adolf Hitler. Os nazistas transmitiram eventos dos Jogos Olímpicos de 1936 “ao vivo” para salas de exibição comunitárias em toda a Alemanha; eles estavam tentando expandir seu grande sucesso no uso do rádio para nazificar todos os aspectos da cultura alemã. Planos mais avançados para o desenvolvimento da TV alemã foram deixados de lado pelos preparativos de guerra.

Adorno compreendia perfeitamente esse potencial, escrevendo em 1944:

[...] a televisão visa à síntese do rádio e do cinema, e só não avança porque as partes interessadas ainda não chegaram a um acordo, mas suas consequências serão enormes e prometem intensificar o empobrecimento da matéria estética de forma tão drástica, que amanhã, a identidade velada de todos os produtos da cultura industrial pode vir à tona triunfantemente, cumprindo ironicamente o sonho wagneriano do *Gesamtkunstwerk*: a fusão de todas as artes em uma obra.

O ponto óbvio é este: as formas profundamente irracionais de entretenimento moderno – o conteúdo estúpido e erotizado da maioria das TV e dos filmes e o fato de que sua estação de rádio de música

clássica local programa Stravinsky ao lado de Mozart – não precisam ser assim. Elas foram projetadas para ser assim. O projeto foi tão bem-sucedido que hoje ninguém sequer questiona os motivos ou as origens.

CRIANDO "OPINIÃO PÚBLICA": O BICHO-PAPÃO DA "PERSONALIDADE AUTORITÁRIA" E O OSS

Os esforços dos conspiradores do Projeto de Rádio para manipular a população geraram a moderna pseudociência da pesquisa de opinião pública, a fim de obter maior controle sobre os métodos que eles estavam desenvolvendo.

Hoje, as pesquisas de opinião pública, assim como os noticiários da televisão, estão completamente integradas à nossa sociedade. Uma “pesquisa científica” do que se diz que as pessoas pensam sobre uma questão pode ser produzida em menos de 24 horas. Algumas campanhas para altos cargos políticos são totalmente moldadas por pesquisas. Na verdade, muitos políticos tentam criar questões que não têm sentido, mas que eles sabem que ficarão bem nas pesquisas, puramente com o propósito de melhorar suas imagens como “populares”. Decisões políticas importantes são tomadas, antes mesmo da votação real dos cidadãos ou da legislatura, baseadas em resultados de pesquisas. Os jornais ocasionalmente escrevem dedicados editoriais conclamando que as pensem por si mesmas, mesmo quando o agente de negócios do jornal envia um cheque para a organização local de votação.

A ideia de opinião pública não é nova, é claro. Platão falou contra ela em sua *República*, mais de dois milênios atrás. Alexis de Tocqueville escreveu longamente sobre sua influência sobre os EUA no início do século XIX. Mas ninguém pensou em **medir** a opinião pública antes do século XX e ninguém antes da década de 1930 pensou em usar essas medidas para tomada de decisões.

É útil fazer uma pausa e refletir sobre todo o conceito. A crença de que a opinião pública pode ser um determinante da verdade é filosoficamente insana. Ela exclui a ideia da mente individual racional. Cada mente individual contém a centelha divina da razão e, portanto, é capaz de descobertas científicas e de compreender as descobertas dos outros. A mente individual é uma das poucas coisas que não podem, portanto, ser “calculadas”. Considere o seguinte: no momento da descoberta criativa, é possível, se não provável, que o cientista que está fazendo a descoberta seja a **única** pessoa a ter aquela opinião sobre a natureza, enquanto todos os demais têm uma opinião diferente ou nenhuma opinião. Pode-se apenas imaginar o que teria sido uma “pesquisa cientificamente conduzida” sobre o modelo do sistema solar de Kepler, logo após ele publicar *A harmonia do mundo*: 2% a favor, 48% contra, 50% sem opinião. Essas técnicas de pesquisa psicanalítica se tornaram padrão não apenas na Escola de Frankfurt, mas também em todos os departamentos de ciências sociais norte-americanos, particularmente depois que o ISR chegou aos Estados Unidos. A metodologia foi a base da pesquisa pela qual a Escola de Frankfurt é mais conhecida: o projeto “personalidade autoritária”. Em 1942, o diretor do ISR, **Max Horkheimer**, fez contato com o Comitê Judaico Americano, que lhe pediu para criar um Departamento de Pesquisa Científica dentro de sua organização. O Comitê Judaico Americano também forneceu uma grande verba para estudar o antissemitismo na população estadunidense. “Nosso objetivo”, escreveu Horkheimer na introdução do estudo, “não é meramente descrever o preconceito, mas explicá-lo para ajudar na sua erradicação... Erradicação significa reeducação cientificamente planejada com base na compreensão alcançada cientificamente”.

A escala AS

Em última análise, cinco volumes foram produzidos para esse estudo ao longo do final da década de 1940. O mais importante foi o

último, *A personalidade autoritária*, de Adorno, que contou com a ajuda de três psicólogos sociais de Berkeley, na Califórnia.

Na década de 1930, Erich Fromm elaborou um questionário para ser usado para analisar os trabalhadores alemães como “autoritários”, “revolucionários” ou “ambivalentes”. O cerne do estudo de Adorno foi, mais uma vez, a escala psicanalítica de Fromm, mas com o lado positivo alterado de uma “personalidade revolucionária” para uma “personalidade democrática”, a fim de tornar as coisas mais palatáveis para um público do pós-guerra.

Nove traços de personalidade foram testados e medidos, incluindo:

- **convencionalismo:** aderência rígida aos valores convencionais de classe média;
- **agressão autoritária:** tendência a estar atento, condenar, rejeitar e punir as pessoas que violam os valores convencionais;
- **projetividade:** disposição a acreditar que coisas selvagens e perigosas acontecem no mundo;
- **sexo:** preocupação exagerada com acontecimentos sexuais.

A partir dessas medidas, foram construídas várias escalas: a Escala E – etnocentrismo –, a Escala PEC – conservadorismo político e econômico –, a Escala AS – antissemitismo – e a Escala F – fascismo. Usando a metodologia de ponderação de resultados de Rensis Likert, os autores conseguiram criar uma definição empírica do que Adorno chamou de “um novo tipo antropológico”: a personalidade autoritária. O truque aqui, como em todo trabalho de pesquisa psicanalítica, é a suposição de um “tipo” weberiano. Uma vez determinado estatisticamente o tipo, todo comportamento pode ser explicado. Se uma personalidade antissemita não age de maneira antissemita, então ou ela tem um motivo oculto para o isso ou está sendo descontínua. A ideia de que a mente humana é capaz de transformação é ignorada.

Os resultados desse mesmo estudo podem ser interpretados de maneiras diametralmente diferentes. Pode-se dizer que o estudo provou que a população dos EUA era geralmente conservadora, não queria abandonar uma economia capitalista, acreditava em uma família forte e que a promiscuidade sexual deveria ser punida, achava que o mundo do pós-guerra era um lugar perigoso e ainda desconfiava de judeus, bem como de negros, católicos romanos, orientais etc. – o que é infelizmente verdade, mas corrigível em um contexto social de crescimento econômico e otimismo cultural. Por outro lado, pode-se obter os mesmos resultados e provar que pogroms antijudaicos e comícios de Nuremberg estavam fervilhando logo abaixo da superfície, esperando que um novo Hitler os inflamasse. Qualquer das duas interpretações que você aceita é uma decisão política, não científica. Horkheimer e Adorno acreditavam firmemente que todas as religiões, inclusive o judaísmo, eram “o ópio das massas”. O objetivo deles não era proteger os judeus do preconceito, mas criar uma definição de autoritarismo e antissemitismo que pudesse ser explorada para forçar a “reeducação cientificamente planejada” de norte-americanos e europeus para longe dos princípios da civilização judaico-cristã, que a Escola de Frankfurt desprezava. Em seus escritos teóricos desse período, Horkheimer e Adorno levaram a tese ao seu ponto mais paranoico: assim como o capitalismo era inerentemente fascista, a filosofia do cristianismo em si é a fonte do antissemitismo. Como Horkheimer e Adorno escreveram em conjunto em seu *Elementos do antissemitismo*, de 1947:

Cristo, o espírito feito carne, é o feiticeiro deificado. A autorreflexão do homem no absoluto, a humanização de Deus por Cristo, é a *proton pseudos* [falsidade original]. O progresso além do judaísmo está associado à suposição de que o homem Jesus se tornou Deus. O aspecto reflexivo do cristianismo, a intelectualização da magia, é a raiz do mal.

Ao mesmo tempo, Horkheimer veio a escrever, em um artigo mais popular intitulado *Antissemitismo: uma doença social*, que “atualmente, o único país onde não parece haver nenhum tipo de antissemitismo é a Rússia[!]”.

Essa tentativa autocentrada de maximizar a paranoia foi auxiliada ainda mais por Hannah Arendt, que popularizou a pesquisa da personalidade autoritária em seu amplamente lido *Origens do totalitarismo*. Arendt também acrescentou o famoso floreio retórico sobre a “banalidade do mal” em seu *Eichmann em Jerusalém*: até mesmo um simples lojista como Eichmann pode se transformar em uma besta nazista sob as circunstâncias psicológicas certas – todo gentio é suspeito, psicanaliticamente.

É a versão extrema de Arendt da tese da personalidade autoritária que é a filosofia operante da atual Rede de Conscientização de Culto (Cult Awareness Network – CAN), um grupo que trabalha com o Departamento de Justiça dos EUA, a liga antidifamação dos B'nai B'rith, entre outros. Usando o método padrão da Escola de Frankfurt, a CAN identifica grupos políticos e religiosos que são seus inimigos políticos para, então, os rotular novamente como um “culto”, a fim de justificar operações contra eles.

A explosão da opinião pública

Apesar de sua tese central improvável de “tipos psicanalíticos”, a metodologia de pesquisa interpretativa da Escola de Frankfurt se tornou dominante nas ciências sociais e permanece basicamente assim até hoje. De fato, a adoção dessas novas técnicas supostamente científicas na década de 1930 provocou uma explosão no uso de pesquisas de opinião pública, muitas delas financiadas pela *Madison Avenue*. Os principais pesquisadores de hoje – AC Nielsen, George Gallup e Elmo Roper – iniciaram as atividades em meados da década de 1930 e começaram a usar os métodos do ISR, especialmente devido ao sucesso do Analisador de Programa Stanton-Lazarsfeld. Em 1936, a atividade de pesquisa tornou-se suficientemente difundida para justificar uma associação comercial, a Academia

Americana de Pesquisa de Opinião Pública, em Princeton, chefiada por Lazarsfeld. Ao mesmo tempo, a Universidade de Chicago criou o Centro Nacional de Pesquisa de Opinião. Em 1940, o escritório de pesquisa de rádio foi transformado no bureau de Pesquisa Social Aplicada, uma divisão da Universidade de Columbia com o incansável Lazarsfeld como diretor.

Após a Segunda Guerra Mundial, Lazarsfeld foi especialmente pioneiro no uso de pesquisas para psicanalisar o comportamento eleitoral estadunidense e, na eleição presidencial de 1952, as agências de publicidade da *Madison Avenue* estavam firmemente no controle da campanha de Dwight Eisenhower, utilizando o trabalho de Lazarsfeld. A eleição de 1952 foi também a primeira sob a influência da televisão, que, como Adorno previra oito anos antes, havia alcançado uma influência incrível em muito pouco tempo. Batten, Barton, Durstine e Osborne – a lendária agência de publicidade BBDO – projetaram as aparições da campanha de Ike inteiramente para as câmeras de TV tão cuidadosamente quanto os comícios de Hitler em Nuremberg. Anúncios “spot” de um minuto foram pioneiros para atender às necessidades determinadas por pesquisas dos eleitores.

Essa bola de neve não parou de rolar desde então. Todo o desenvolvimento da televisão e da publicidade nas décadas de 1950 e 1960 foi iniciado por homens e mulheres treinados nas técnicas de alienação em massa da Escola de Frankfurt. Frank Stanton saiu diretamente do Projeto de Rádio para se tornar o líder mais importante da televisão moderna. O principal rival de Stanton no período de formação da TV foi Sylvester “Pat” Weaver, da National Broadcasting Company (NBC). Depois de um PhD em “comportamento de escuta”, Weaver trabalhou com o analisador de programa no final da década de 1930 antes de se tornar um vice-presidente da Young & Rubicam, depois diretor de programação da NBC e, por fim, presidente da rede. As histórias de Stanton e Weaver são típicas.

Hoje, os homens e mulheres que dirigem as redes, as agências de publicidade e os órgãos de pesquisa, mesmo que nunca tenham

ouvido falar de Theodor Adorno, acreditam firmemente na teoria de Adorno de que a mídia pode – e deve – transformar tudo o que toca em “futebol”. A cobertura da Guerra do Golfo de 1991 deveria deixar isso claro.

A técnica de mídia de massa e publicidade desenvolvida pela Escola de Frankfurt agora controla efetivamente a campanha política estadunidense. As campanhas não são mais baseadas em programas políticos, mas sim em alienação. Queixas mesquinhas e medos irracionais são identificados pela pesquisa psicanalítica para serem transmutados em “questões” a serem atendidas; os anúncios de “Willie Horton” na campanha presidencial de 1988 e a “emenda da queima da bandeira” são apenas dois exemplos recentes. Questões que podem determinar o futuro de nossa civilização são escrupulosamente reduzidas a oportunidades de fotos e trechos de áudio – como as reportagens de rádio originais de Ed Murrow nos anos 1930 – em que o efeito dramático é maximizado e o conteúdo da ideia é zero.

Quem é o inimigo?

Parte da influência da farsa da personalidade autoritária em nossos dias também deriva do fato de que, incrivelmente, a Escola de Frankfurt e suas teorias foram oficialmente aceitas pelo governo dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial e de que esses membros da Internacional Comunista foram responsáveis por determinar quem eram os inimigos dos Estados Unidos nos tempos de guerra e pós-guerra. Em 1942, o OSS – a unidade de espionagem e operações secretas construída às pressas – dos Estados Unidos pediu ao ex-presidente de Harvard, James Baxter, para formar um braço de pesquisa e análise – *Research and Analysis* (R&A) – sob a divisão de inteligência. Em 1944, o braço de R&A havia reunido um grupo tão grande e prestigioso de acadêmicos emigrados que H. Stuart Hughes, então um jovem PhD, disse que trabalhar para ele era “uma segunda pós-graduação” às custas do governo. A seção centro-europeia foi chefiada pelo historiador Carl

Schorske; sob seu comando, na importantíssima seção Alemanha/Áustria, estava **Franz Neumann** como chefe de seção, com **Herbert Marcuse**, **Paul Baran**, **Otto Kirchheimer** e todos os veteranos do ISR. **Leo Löwenthal** chefiou a seção de língua alemã do Escritório de Informações de Guerra; **Sofia Marcuse**, esposa de Marcuse, trabalhou no Escritório de Inteligência Naval. Também no braço de R&A estavam: **Siegfried Kracauer**, o antigo instrutor de Kant de Adorno, então um teórico de cinema; **Norman O. Brown**, que se tornaria famoso na década de 1960 ao combinar a teoria do hedonismo de Marcuse com a orgonoterapia de **Wilhelm Reich** para popularizar a “perversidade polimorfa”; **Barrington Moore Jr.**, mais tarde um professor de filosofia que seria coautor de um livro com Marcuse; **Gregory Bateson**, marido da antropóloga **Margaret Mead**, que escrevia para o periódico da Escola de Frankfurt, e **Arthur Schlesinger**, o historiador que se juntou à administração Kennedy. A primeira tarefa de Marcuse foi liderar uma equipe para identificar tanto aqueles que seriam julgados como criminosos de guerra após a guerra quanto aqueles que eram potenciais líderes da Alemanha do pós-guerra. Em 1944, Marcuse, Neumann e Kirchheimer escreveram o *Guia de desnazificação*, que mais tarde foi enviado para oficiais das Forças Armadas dos EUA que ocupavam a Alemanha para ajudá-los a identificar e suprimir comportamentos pró-nazistas. Após o armistício, a seção de R&A enviou representantes para trabalhar como ligações de inteligência com as várias potências ocupantes: Marcuse foi designado para a zona dos EUA, Kirchheimer para a francesa e Barrington Moore para a soviética. No verão de 1945, Neumann saiu para se tornar chefe de pesquisa do Tribunal de Nuremberg. Marcuse permaneceu dentro e ao redor da inteligência dos EUA no início da década de 1950, chegando a chefe da Seção da Europa Central do Escritório de Pesquisa de Inteligência do Departamento de Estado, um escritório formalmente encarregado de “planejar e implementar um programa de pesquisa de inteligência positiva... atender aos requisitos de inteligência da CIA

e outras agências autorizadas”. Durante seu mandato como funcionário do governo dos EUA, Marcuse apoiou a divisão da Alemanha em Leste e Oeste, observando que isso impediria uma aliança entre os partidos de esquerda recém-libertados e as velhas e conservadoras camadas industriais e empresariais. Em 1949, ele produziu um relatório de 532 páginas, intitulado *Os potenciais do comunismo mundial* – que deixou de ser confidencial apenas em 1978 –, que sugeria que a estabilização econômica do Plano Marshall da Europa limitaria o potencial de recrutamento dos partidos comunistas da Europa Ocidental a níveis aceitáveis, causando um período de coexistência hostil com a União Soviética, marcado por confrontos apenas em lugares distantes, como a América Latina e a Indochina; em suma, uma previsão surpreendentemente precisa. Marcuse deixou o Departamento de Estado com uma bolsa da Fundação Rockefeller para trabalhar com os vários departamentos de estudos soviéticos que foram criados em muitas das melhores universidades dos Estados Unidos após a guerra e, em grande parte, por veteranos do braço de R&A.

Ao mesmo tempo, Max Horkheimer estava causando danos ainda maiores. Como parte da desnazificação da Alemanha sugerida pelo braço de R&A, o Alto Comissário dos EUA para a Alemanha, John J. McCloy, usando fundos pessoais discricionários, levou Horkheimer de volta à Alemanha para reformar o sistema universitário alemão. De fato, McCloy pediu ao presidente Truman e ao Congresso que aprovassem um projeto de lei que concedesse a Horkheimer, que havia se naturalizado estadunidense, dupla cidadania. Assim, por um breve período, Horkheimer foi a única pessoa no mundo a ter cidadania alemã e americana. Na Alemanha, Horkheimer iniciou o trabalho preliminar para o renascimento completo da Escola de Frankfurt naquela nação no final da década de 1950, incluindo o treinamento de toda uma nova geração de estudiosos da civilização antiocidental, como **Hans-Georg Gadamer** e **Jürgen Habermas**, que teria uma influência muito destrutiva na Alemanha dos anos 1960.

Em um período da história norte-americana em que alguns indivíduos estavam sendo perseguidos e levados ao desemprego e ao suicídio pelo mais leve aroma de esquerdismo, os veteranos da Escola de Frankfurt – todos com excelentes credenciais da Internacional Comunista – levavam o que só pode ser chamado de vidas encantadoras. De uma forma incrível, os Estados Unidos haviam entregado a responsabilidade de determinar quem eram os inimigos da nação para os piores inimigos da nação.

O ARISTOTÉLICO EROS: MARCUSE E A CONTRACULTURA DE DROGAS DA CIA

Em 1989, Hans-Georg Gadamer, um protegido de Martin Heidegger e o último da geração original da Escola de Frankfurt, foi convidado a fornecer uma apreciação de seu próprio trabalho para o jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Ele escreveu:

É preciso conceber a ética de Aristóteles como um verdadeiro cumprimento do desafio socrático, que Platão colocou no centro de seus diálogos sobre a questão socrática do bem... Platão descreveu a ideia do bem [...] como a ideia final e suprema, que é supostamente o princípio mais elevado do ser para o universo, o estado e a alma humana. Contra isso Aristóteles opôs uma crítica decisiva, sob a famosa fórmula: “Platão é meu amigo, mas a verdade é ainda mais minha amiga”. Ele negou que se pudesse considerar a ideia do bem como um princípio universal do ser, que deveria valer tanto para o conhecimento teórico quanto para o conhecimento prático e a atividade humana.

Essa afirmação não apenas afirma sucintamente a filosofia subjacente da Escola de Frankfurt, como também sugere um ponto de inflexão em torno do qual podemos ordenar grande parte da luta filosófica dos últimos dois milênios. Nos termos mais simples, a

correção aristotélica de Platão separa a física da metafísica, relegando o Bem a um mero objeto de especulação sobre o qual “nosso conhecimento permanece apenas uma hipótese”, nas palavras de Wilhelm Dilthey, o filósofo favorito da Escola de Frankfurt. Nosso conhecimento do “mundo real”, como Dilthey, Nietzsche e outros precursores da Escola de Frankfurt costumavam enfatizar, torna-se **erótico**, no sentido mais amplo desse termo, ou seja, como fixação de objeto. O universo torna-se uma coleção de coisas que operam cada uma com base em suas próprias naturezas – isto é, geneticamente – e por meio da interação entre si – isto é, mecanicamente. A ciência torna-se a dedução das categorias apropriadas dessas naturezas e interações. Como a mente humana é meramente um sensorio que espera que a maçã newtoniana a leve à dedução, o relacionamento da humanidade com o mundo – e vice-versa – torna-se um apego erótico aos objetos. A compreensão do universal – a busca da mente para ser a imagem viva do Deus vivo – é, portanto, ilusória. Esse universal ou não existe, ou existe incompreensivelmente como um *deus ex machina*; isto é, o Divino existe como uma superadição ao universo físico – Deus é na realidade Zeus, lançando raios sobre o mundo de algum local externo ou, talvez mais apropriadamente, Deus é na realidade Cupido, soltando flechas douradas para atrair objetos e flechas de chumbo para repelir objetos. A chave de todo o programa da Escola de Frankfurt, de seu criador Lukács em diante, é a “libertação” do Eros aristotélico para tornar os estados de sentimento individuais psicologicamente primários. Quando os líderes do ISR chegaram aos Estados Unidos em meados da década de 1930, exultaram que ali era um lugar que não tinha defesas filosóficas adequadas contra seu tipo de *Kulturpessimismus* (pessimismo cultural). No entanto, embora a Escola de Frankfurt tenha feito grandes incursões na vida intelectual estadunidense antes da Segunda Guerra Mundial, essa influência era amplamente confinada à academia e ao rádio e este, embora importante, ainda não tinha a influência avassaladora na vida social que adquiriria

durante a guerra. Além disso, a mobilização dos Estados Unidos para a guerra e a vitória contra o fascismo desviaram a programação da Escola de Frankfurt. Os Estados Unidos em 1945 eram otimistas de uma forma quase sublime, com uma população firmemente convencida de que uma república mobilizada, apoiada pela ciência e tecnologia, poderia fazer praticamente qualquer coisa. Os quinze anos posteriores à guerra, no entanto, viram a dominação da vida familiar pelo rádio e pela televisão moldados pela Escola de Frankfurt em um período de erosão política em que o grande potencial positivo dos Estados Unidos degenerou, em uma postura puramente negativa, contra a real, e, muitas vezes, manipulada, ameaça da União Soviética. Ao mesmo tempo, centenas de milhares da geração jovem – os chamados *baby boomers* – estavam entrando na faculdade e sendo expostos ao veneno da Escola de Frankfurt, direta ou indiretamente. É ilustrativo que, em 1960, a sociologia havia se tornado o curso de estudo mais popular nas universidades americanas. De fato, quando se olha para os primeiros movimentos da rebelião estudantil no início da década de 1960, como os discursos do movimento de liberdade de expressão de Berkeley ou a declaração de Porto Hurão, que fundou os Estudantes por uma Sociedade Democrática, é de se impressionar como essas discussões eram desprovidas de conteúdo real. Há muita ansiedade sobre ser feito para se conformar ao sistema – “Sou um ser humano; não dobre, gire ou mutile”, dizia um dos primeiros slogans de Berkeley –, mas é claro que os “problemas” citados derivam muito mais dos livros de sociologia obrigatórios do que das reais necessidades da sociedade.

A revolução psicodélica da CIA

A agitação latente nos campi em 1960 poderia muito bem ter passado ou ter tido um resultado positivo, não fosse a decapitação traumática da nação por meio do assassinato de Kennedy, além da introdução simultânea do uso generalizado de drogas. As drogas sempre foram uma “ferramenta analítica” dos românticos do século XIX, como

os simbolistas franceses, e eram populares entre a boêmia europeia e estadunidense até o período pós-Segunda Guerra Mundial. Mas, na segunda metade da década de 1950, a Agência Central de Inteligência (CIA) e os serviços de inteligência aliados iniciaram extensas experiências com o alucinógeno LSD para investigar seu potencial de controle social. Já foi documentado que milhões de doses do produto químico foram produzidas e disseminadas sob a égide da Operação MK Ultra da CIA. O LSD tornou-se a droga de escolha dentro da própria agência e foi distribuído livremente para amigos da família, incluindo um número substancial de veteranos do OSS. Por exemplo, foi o veterano do braço de pesquisa e análise do OSS Gregory Bateson que “ligou” o poeta *beat* Allen Ginsberg para um experimento de LSD da Marinha dos EUA em Palo Alto, na Califórnia. Não só Ginsberg, mas o escritor Ken Kesey e os membros originais do grupo de rock *Grateful Dead* abriram as portas da percepção como cortesia da Marinha. O guru da “revolução psicodélica”, Timothy Leary, ouviu falar pela primeira vez sobre alucinógenos em 1957 pela revista *Life* – cujo editor, Henrique Luz, muitas vezes recebeu ácido do governo, assim como muitos outros formadores de opinião – e começou sua carreira como funcionário contratado da CIA. Em uma “reunião” de pioneiros do ácido, em 1977, Leary admitiu abertamente: “tudo o que sou, devo à previsão da CIA”. Os alucinógenos têm o efeito singular de tornar a vítima associal, totalmente autocentrada e preocupada com objetos. Mesmo os objetos mais banais assumem a “aura” de que Benjamin havia falado e se tornam atemporais e delirantemente profundos. Em outras palavras, os alucinógenos atingem instantaneamente um estado mental idêntico ao prescrito pelas teorias da Escola de Frankfurt e a popularização desses produtos químicos criou uma vasta labilidade psicológica para colocar essas teorias em prática. Assim, a situação do início da década de 1960 representava um brilhante ponto de reentrada para a Escola de Frankfurt e foi plenamente explorada. Uma das maiores ironias da “Geração Agora” de

1964 em diante é que, apesar de todos os seus protestos de total modernidade, nenhuma de suas ideias ou artefatos tinha menos de trinta anos de existência. A teoria política vinha completamente da Escola de Frankfurt. **Lucien Goldmann**, um radical francês que era professor visitante em Columbia, em 1968, estava absolutamente correto quando disse de Herbert Marcuse, em 1969, que “os movimentos estudantis [...] encontraram em suas obras e, em última instância, *apenas em suas obras*, a formulação teórica de seus problemas e aspirações” (grifo do autor). Os cabelos compridos e as sandálias, as comunidades de amor livre, a comida macrobiótica e os estilos de vida liberados haviam sido projetados na virada do século e testados em campo por vários experimentos sociais da Nova Era ligados à Escola de Frankfurt, como a comuna de Ascona antes de 1920. Até mesmo o desafiador “Nunca confie em ninguém com mais de 30 anos”, de Tom Hayden, era apenas uma versão menos urbana do “Não vale a pena conversar com ninguém com mais de 30 anos”, de Rupert Brooke, de 1905. Os planejadores sociais que moldaram a década de 1960 simplesmente se basearam em materiais já disponíveis.

Eros e civilização

O documento fundador da contracultura dos anos 1960 e aquele que trouxe o “messianismo revolucionário” da Escola de Frankfurt dos anos 1920 para os anos 1960 foi o livro de Marcuse, *Eros e Civilização*, publicado originalmente em 1955 e financiado pela Fundação Rockefeller. O documento resume com maestria a ideologia de *Kulturpessimismus* da Escola de Frankfurt no conceito de “dimensionalidade”. Em uma das mais bizarras perversões da filosofia, Marcuse afirma derivar esse conceito de Friedrich Schiller. Schiller, a quem Marcuse propositalmente – e erroneamente – identifica como o herdeiro de Immanuel Kant, discerniu duas dimensões na humanidade: um instinto sensual e um impulso para a forma. Schiller defendia a harmonização desses dois instintos no homem na forma de um instinto de jogo criativo. Para Marcuse,

por outro lado, a única esperança de escapar da unidimensionalidade da sociedade industrial moderna era liberar o lado erótico do homem, o instinto sensual, em rebelião contra a “racionalidade tecnológica”. Como Marcuse diria mais tarde, em 1964, em seu *Homem unidimensional*, “uma não-liberdade [sic] confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial avançada, um sinal de progresso técnico”. Essa liberação erótica ele identifica erroneamente com o “instinto lúdico” de Schiller que, em vez de ser erótico, é uma expressão de caridade, o conceito superior de amor associado à verdadeira criatividade. A teoria contrária da liberação erótica de Marcuse é algo implícito em **Sigmund Freud**, mas não explicitamente enfatizado, exceto por alguns renegados freudianos, como **Wilhelm Reich** e, em certa medida, **Carl Jung**. Todos os aspectos da cultura no Ocidente, incluindo a própria razão, diz Marcuse, atuam para reprimir isso: “O universo totalitário da racionalidade tecnológica é a última transmutação da ideia de razão”. Ou: “Auschwitz continua a assombrar, não a memória, mas as realizações do homem – os voos espaciais, os foguetes e mísseis, as belas fábricas de eletrônicos...”.

Essa liberação erótica deve tomar a forma da “Grande Recusa”, uma rejeição total do monstro “capitalista” e de todas as suas obras, incluindo a razão “tecnológica” e a “linguagem ritual-autoritária”. Como parte da Grande Recusa, a humanidade deveria desenvolver um “*éthos* estético”, transformando a vida em um ritual estético, um “estilo de vida” – uma frase sem sentido que entrou na linguagem na década de 1960 sob a influência de Marcuse. Com Marcuse representando o ponto de cunha, a década de 1960 foi repleta de justificativas intelectuais obtusas de rebelião sexual adolescente sem conteúdo. *Eros e civilização* foi reimpresso em formato de bolso em 1961 e teve várias edições. No prefácio da edição de 1966, Marcuse acrescentou que o novo slogan – “Faça amor, não faça guerra” – era exatamente o que ele estava falando: “[...] a luta por *eros* é uma luta política” (grifo do autor). Em 1969, ele observou que mesmo o uso

obsessivo de obscenidades da Nova Esquerda em seus manifestos fazia parte da Grande Recusa, chamando-a de “rebelião linguística sistemática, que esmaga o contexto ideológico no qual as palavras são empregadas e definidas”. Marcuse foi auxiliado pelo psicanalista Norman O. Brown, seu protegido do OSS, que contribuiu com *Vida contra morte*, em 1959, e *Love’s body* (Corpo do amor), em 1966, pedindo ao homem que abandonasse seu ego racional e “blindado” e o substituísse por um “ego corporal dionisiaco” que abraçaria a realidade instintiva da perversidade polimorfa e traria o homem de volta à “união com a natureza”. Os livros de Reich, que afirmava que o nazismo havia sido causado pela monogamia, foram reeditados. Reich morreu em uma prisão estadunidense, preso por receber dinheiro com a alegação de que o câncer poderia ser curado pela recanalização da “energia orgone”. A educação primária tornou-se dominada pelo principal seguidor de Reich, A. S. Neill, membro de um culto teosófico da década de 1930 e ateu militante, cujas teorias educacionais exigiam que os alunos fossem ensinados a se rebelar contra professores que são, por natureza, autoritários. O livro de Neill, *Summerhill*, vendeu 24 mil cópias em 1960, subindo para 100 mil em 1968 e 2 milhões em 1970. Em 1970, era leitura obrigatória em seiscentos cursos universitários, tornando-se um dos textos educativos mais influentes do período e, ainda, uma referência para escritores recentes sobre o assunto. Marcuse liderou o caminho para o renascimento completo do restante dos teóricos da Escola de Frankfurt, reintroduzindo Lukács, há muito esquecido na América. O próprio Marcuse se tornou um para-raios de ataques à contracultura e era regularmente atacado por fontes como o diário soviético *Pravda* e o então governador da Califórnia, Ronald Reagan. A única crítica de algum mérito na época, porém, foi a do Papa Paulo VI, que, em 1969, culpou Marcuse – um passo extraordinário, já que o Vaticano geralmente se abstém de denúncias formais de indivíduos vivos –, junto com Freud, por justificar “expressões repugnantes e desenfreadas de erotismo” e chamou a

teoria da libertação de Marcuse de “a teoria que abre o caminho para a licença disfarçada de liberdade [...] uma aberração do instinto”. O erotismo da contracultura significava muito mais do que amor livre e um ataque violento à família nuclear. Significava também a legitimação do *eros* filosófico. As pessoas eram treinadas para se verem como objetos, determinadas por suas “naturezas”. A importância do indivíduo como pessoa dotada da centelha divina da criatividade e capaz de atuar sobre toda a civilização humana foi substituída pela ideia de que a pessoa é importante porque é negra, mulher ou sente impulsos homossexuais. Isso explica a deformação do movimento dos direitos civis para um movimento de “poder negro” e a transformação da questão legítima dos direitos civis das mulheres em feminismo. A discussão dos direitos civis das mulheres foi forçada a ser apenas mais um “culto de libertação”, completo com queima de sutiãs e outros rituais, às vezes abertamente ao estilo Astarte. Uma análise de *Política Sexual*, de **Kate Millett**, de 1970, e *A mulher eunuco*, de **Germaine Greer**, de 1971, demonstra a total confiança delas em Marcuse, Fromm, Reich e outros extremistas freudianos.

A bad trip

Essa popularização da vida como um ritual erótico e pessimista não diminuiu; na verdade, se aprofundou ao longo de vinte anos até hoje. É a base do horror que vemos ao nosso redor. Os herdeiros de Marcuse e Adorno dominam completamente as universidades, ensinando seus próprios alunos a substituir a razão por exercícios rituais “politicamente corretos”. Existem muitos poucos livros teóricos sobre artes, letras ou linguagem publicados hoje nos Estados Unidos ou na Europa que não reconheçam abertamente sua dívida para com a Escola de Frankfurt.

A caça às bruxas nos campi de hoje é apenas a implementação do conceito de Marcuse de “tolerância repressiva” – “tolerância aos movimentos da esquerda, mas intolerância aos movimentos da direita” –, imposto pelos alunos da Escola de Frankfurt, agora tornados professores de estudos femininos e estudos afro-americanos.

O mais erudito porta-voz dos estudos afro-americanos, por exemplo, o professor Cornel West, de Princeton, afirma publicamente que suas teorias são derivadas de György Lukács. Ao mesmo tempo, a feiura tão cuidadosamente nutrida pelos pessimistas da Escola de Frankfurt corrompeu nossos mais elevados esforços culturais. Dificilmente é possível encontrar uma representação de uma ópera de Mozart que não tenha sido totalmente deformada por um diretor que, seguindo Benjamin e o ISR, quer “liberar o subtexto erótico”. Não é possível pedir a uma orquestra para tocar Schönberg e Beethoven no mesmo programa e manter sua integridade para o último. E, quando nossa cultura mais elevada se torna impotente, a cultura popular torna-se abertamente bestial. Uma imagem final: crianças americanas e europeias assistem diariamente a filmes como *A hora do pesadelo* e *O vingador do futuro* ou programas de televisão comparáveis a eles. Uma cena típica em uma dessas obras terá uma figura emergindo de um aparelho de televisão; a pele de seu rosto descascará realisticamente para revelar um homem horrivelmente deformado com dedos de lâminas de barbear, dedos que começam a crescer até vários metros de comprimento e, de repente, a vítima é cortada em tiras sangrentas. Isso não é entretenimento. Isso é a alucinação profundamente paranoica de uma cabeça cheia de LSD. O pior do que aconteceu na década de 1960 agora é corriqueiro. Devido à Escola de Frankfurt e seus coconspiradores, o Ocidente está em uma *bad trip* da qual não consegue sair. Os princípios pelos quais a civilização ocidental judaico-cristã foi construída não são mais dominantes em nossa sociedade; eles existem apenas como uma espécie de movimento de resistência clandestino. Se essa resistência for finalmente submersa, a civilização não sobreviverá e, em nossa era de doenças pandêmicas incuráveis e armas nucleares, o colapso da civilização ocidental provavelmente levará o resto do mundo para o inferno. A saída é criar uma Renascença. Se isso soa grandioso, não deixa de ser o que é necessário. Uma renascença significa começar de

novo: descartar o mal, o desumano e o simplesmente estúpido e voltar, centenas ou milhares de anos, às ideias que permitem que a humanidade cresça em liberdade e bondade. Uma vez que identificarmos essas crenças centrais, poderemos começar a reconstruir a civilização.

Em última análise, uma nova Renascença dependerá de cientistas, artistas e compositores, mas, no primeiro momento, depende de pessoas aparentemente comuns, que defenderão a centelha divina da razão em si mesmas e não tolerarão menos nos outros. Dados os sucessos da Escola de Frankfurt e de seus patrocinadores da “Nova Idade das Trevas”, esses indivíduos comuns, com sua crença na razão e na diferença entre o certo e o errado, serão “impopulares”. Mas, nenhuma ideia realmente boa foi popular no começo.

HIPPIES NAZICOMUNISTAS DA DÉCADA DE 1920

Uma quantidade esmagadora da filosofia e dos artefatos da contracultura norte-americana da década de 1960, além do absurdo da Nova Era de hoje, deriva de um experimento social em larga escala realizado em Ascona, na Suíça, entre 1910 e 1935. Originalmente uma área de resort para membros do culto teosófico de **Helena Blavatsky**, a pequena aldeia suíça se tornou o refúgio para todas as seitas ocultistas, esquerdistas e racistas do movimento original da Nova Era do início do século XX. No final da Primeira Guerra Mundial, Ascona era indistinguível do que Haight-Ashbury se tornaria mais tarde, repleta de lojas de alimentos saudáveis, livrarias sobre ocultismo vendendo o *I Ching*, e *Naturmenschen*, “Srs. Naturais” que andavam de cabelos compridos, usando miçangas, sandálias e túnicas para “voltar à natureza”. A influência dominante na área veio do Dr. Otto Gross, aluno de Freud e amigo de Carl Jung, que fizera parte do círculo de Max Weber quando o fundador da Escola de Frankfurt, Lukács, também era membro. Gross levou Bachofen a seus extremos lógicos e, nas palavras de um biógrafo:

[...] diz-se que adotou a Babilônia como sua civilização, em oposição à da Europa judaico-cristã [...] se Jezabel não tivesse sido derrotada por Elias, a história do mundo teria sido diferente e melhor. Jezabel era Babilônia, religião de amor, Astarte, Ashtoreth; ao matá-la, o moralismo monoteísta judaico afastou o prazer do mundo.

A solução de Gross foi recriar o culto de Astarte para iniciar uma revolução sexual e destruir a família burguesa e patriarcal. Entre os membros de seu culto estavam: **Frieda e D. H. Lawrence**; **Franz Kafka**; **Franz Werfel**, o romancista que mais tarde foi para Hollywood e escreveu *A canção de Bernadette*; o filósofo **Martin Buber**; **Alma Mahler**, a esposa do compositor Gustav Mahler, e mais tarde a ligação de Walter Gropius, Oskar Kokoschka e Franz Werfel. O Ordo Templis Orientis (OTO), a fraternidade oculta criada pelo satanista **Aleister Crowley**, teve sua única loja feminina em Ascona. É preocupante perceber o número de intelectuais agora adorados como heróis culturais que foram influenciados pela loucura da Nova Era em Ascona – incluindo quase todos os autores que desfrutaram de um grande renascimento nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970. Tal lugar e sua filosofia figuram muito nas obras não apenas de Lawrence, Kafka e Werfel, mas também das dos vencedores do Prêmio Nobel **Gerhart Hauptmann** e **Hermann Hesse**, **H. G. Wells**, **Max Brod**, **Stefan George** e os poetas **Rainer Maria Rilke** e **Gustav Landauer**. Em 1935, Ascona tornou-se a sede da conferência anual Eranos, de Carl Jung, para popularizar o gnosticismo. Ascona também foi o lugar de criação da maior parte do que hoje chamamos de dança moderna. Foi lar de **Rudolf von Laban**, inventor da forma mais popular de notação de dança, e **Mary Wigman**. **Isadora Duncan** era uma visitante frequente. Laban e Wigman, como Duncan, buscaram substituir as geometrias formais do balé clássico por recriações de danças de culto que seriam capazes de desenterrar ritualisticamente as memórias raciais primordiais do público. Quando os nazistas chegaram ao poder, Laban tornou-se o mais alto oficial de

dança do Reich e ele e Wigman criaram o programa de dança ritual para os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, que foi filmado pela diretora pessoal de Hitler, **Leni Riefenstahl**, ex-aluna de Wigman. A peculiar psicanálise ocultista popular em Ascona também foi decisiva no desenvolvimento de grande parte da arte moderna. O movimento dadaísta originou-se nas proximidades de Zurique, mas todas as suas primeiras figuras eram asconanas na mente ou no corpo, especialmente **Guillaume Apollinaire**, que era um fã particular de Otto Gross. Quando “Berlin Dada” anunciou sua criação em 1920, seu manifesto de abertura foi publicado em uma revista fundada por Gross. O documento principal do Surrealismo também veio de Ascona. O Dr. **Hans Prinzhorn**, psiquiatra de Heidelberg, frequentava Ascona, onde era amante de Mary Wigman. Em 1922, ele publicou um livro, *A arte dos doentes mentais*, baseado em pinturas de seus pacientes psicóticos e acompanhado de uma análise que afirmava que o processo criativo mostrado nessa arte era realmente mais liberado do que o dos antigos mestres. O livro de Prinzhorn foi amplamente lido pelos artistas modernos da época e um historiador recente o chamou de “a Bíblia dos surrealistas”.

A MUDANÇA DE PARADIGMA DA NOVA ERA

O trabalho de pesquisa original da Escola de Frankfurt dos anos 1930, incluindo a personalidade autoritária, foi baseado em categorias psicanalíticas desenvolvidas por Erich Fromm. Fromm derivou essas categorias das teorias de J. J. Bachofen, um colaborador de Nietzsche e Richard Wagner que afirmava que a civilização humana era originalmente “matriarcal”. Esse período primordial de “democracia ginocrática” e do domínio do culto da *Magna Mater* (Grande Mãe), disse Bachofen, foi submerso pelo desenvolvimento do “patriarcado” racional e autoritário, incluindo a religião monoteísta. Mais tarde, Fromm utilizou essa teoria para afirmar que o apoio à família nuclear era evidência de tendências autoritárias.

Em 1970, quarenta anos depois de ter proclamado pela primeira vez a importância da teoria de Bachofen, Erich Fromm, da Escola de Frankfurt, pesquisou até que ponto as coisas haviam evoluído. Ele listou sete “mudanças sociopsicológicas” que indicavam o avanço do matriarcado sobre o patriarcado:

- “A revolução das mulheres”;
- “A revolução das crianças e adolescentes”, baseada na obra de Benjamin Spock e outros, permitindo às crianças formas novas e mais adequadas de expressar a rebeldia;
- A ascensão do movimento de juventude radical, que abraça totalmente Bachofen em sua ênfase no sexo grupal, estrutura familiar frouxa e roupas e comportamentos unissex;
- O uso crescente de Bachofen por profissionais para corrigir a análise excessivamente sexual de Freud da relação mãe-filho – isso tornaria o freudianismo menos ameaçador e mais palatável para a população em geral;
- “A visão do paraíso do consumidor [...] Nessa visão, a técnica assume as características da Grande Mãe, técnica ao invés de natural, que amamenta seus filhos e os tranquiliza com uma canção de ninar incessante (em forma de rádio e televisão). No processo, o homem se torna emocionalmente um bebê, sentindo-se seguro na esperança de que os seios da mãe sempre fornecerão leite abundante e que as decisões não precisam mais ser tomadas pelo indivíduo”.

A TEORIA DA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA

A Escola de Frankfurt concebeu o perfil da personalidade autoritária como arma a ser usada contra seus inimigos políticos. A fraude se baseia na suposição de que as ações de uma pessoa não são importantes. Em vez disso, a questão é a atitude psicológica do ator, conforme determinado por cientistas sociais como os da Escola de Frankfurt. O conceito é diametralmente oposto à ideia

de direito natural e aos princípios jurídicos republicanos sobre os quais os Estados Unidos foram fundados. É, de fato, fascista e idêntico à ideia de “crime de pensamento”, como descrito por George Orwell em seu *1984*, e à teoria do “crime volitivo” desenvolvida pelo juiz nazista Roland Freisler no início da década de 1930.

Quando a Escola de Frankfurt estava em sua fase abertamente pró-bolchevique, seu trabalho de personalidade autoritária foi projetado para identificar pessoas que não eram suficientemente revolucionárias para que essas pudessem ser “reeducadas”. Quando a Escola de Frankfurt expandiu sua pesquisa após a Segunda Guerra Mundial, a mando do Comitê Judaico Americano e da Fundação Rockefeller, seu objetivo não era identificar o antissemitismo. Isso era apenas uma fachada. O objetivo da pesquisa era medir a adesão das pessoas às crenças centrais da civilização ocidental judaico-cristã para que essas crenças pudessem ser caracterizadas como “autoritárias” e desacreditadas.

Para os conspiradores da Escola de Frankfurt, o pior crime era a crença de que cada indivíduo era dotado de uma razão soberana que lhe permitia determinar o que é certo e errado para toda a sociedade; assim, dizer às pessoas que você tem uma ideia razoável à qual elas devem se conformar é extremismo autoritário e paternalista.

Por esses padrões, os juízes de Sócrates e Jesus estavam corretos ao condenar esses indivíduos, como I. F. Stone afirma em um caso em *O julgamento de Sócrates*. A definição de autoritarismo é aceitável para a maioria dos cidadãos e é usada livremente por operações políticas, como a liga antidifamação e a rede de conscientização de culto, para “demonizar” seus inimigos políticos.

Quando Lyndon LaRouche e seis de seus colegas foram julgados por acusações forjadas, em 1988, LaRouche identificou que a promotoria se basearia na fraude de personalidade autoritária da Escola de Frankfurt para alegar que as intenções dos réus eram **inerentemente** criminosas. Durante o julgamento, o advogado de defesa de LaRouche tentou demonstrar as raízes da teoria da conspiração

da promotoria na Escola de Frankfurt, mas teve o pedido indeferido pelo juiz Albert Bryan Jr., que disse: “Não vou voltar ao início dos anos 1930 em declarações de abertura ou no depoimento das testemunhas”.